

A Obsessão

Allan Kardec

**Tradução de
WALLACE LEAL V. RODRIGUES**

A Obsessão

– Textos extraídos de *La Revue Spirite*, edições de 1858 a 1868, aprovados por Allan Kardec, Espírito, em comunicação mediúcnica de 6 de setembro de 1950, na União Espírita da Bélgica.

Título do original francês: L'Obsession
– Edição da União Espírita da Bélgica.

A OBSESSÃO

7ª edição
5.000 exemplares

Novembro/2011

Capa: Rogério Mota
Planejamento gráfico: Equipe "O Clarim"

(Propriedade do Centro Espírita O Clarim).
Fone: (0XX16) 3382-1066 – Fax: (0XX16) 3382-1647
C.G.C. 52313780/0001-23 - Inscr. Est. 441002767116
Rua Rui Barbosa, 1070 - Cx. Postal, 09
CEP 15990-903 - Matão - SP
<http://www.oclarim.com.br>
oclarim@oclarim.com.br

A OBSESSÃO

Dados para catalogação na editora

A OBSESSÃO

Allan Kardec – pseudônimo de Hippolyte

Léon Denizard Rivail, 1804–1869

Casa Editora "O Clarim" – Matão/SP – Brasil

1ª edição – setembro/1969 – 6.000 exemplares

7ª edição – novembro/2011 – 5.000 exemplares

280 páginas – 14 X 21 cm

Bibliografia

ISBN 85-7357-015-6

CDD - 133.9

Índices para catálogo sistemático:

133.9 Espiritismo

133.901 Filosofia e teoria

133.91 Mediunidade

Impresso no Brasil

Presita en Brazilo

AGRADECIMENTOS

A Editora agradece a valiosa colaboração que nos permitiu a reedição desta obra:

Revisores: **Ivan Costa e**
Enéas Rodrigues Marques

E aos nossos funcionários.

Casa Editora "O Clarim"
Matão, SP, março de 2001.

ÍNDICE

Prefácio dos editores belgas.....	13
Prefácio do tradutor	15
Mademoiselle Clairon e o fantasma (1)	29
O Espírito batedor de Bergzabern	34
Considerações sobre o Espírito batedor de Bergzabern...	41
O Espírito batedor de Bergzabern (II).....	43
O Espírito batedor de Bergzabern (III).....	53
Palestras familiares de Além-Túmulo	57
Espíritos impostores. O falso padre Ambroise	65
O Espírito batedor de Dibbeisdorf	69
Obsedados e subjugados	73
O mal do medo	87
Teoria do móvel de nossas ações.....	89
Palestras familiares de Além-Túmulo	92
Dificuldades com que deparam os médiuns	94
Espíritos barulhentos. Como livrar-se deles.....	103
Estudo sobre os médiuns.....	107
Médiuns interesseiros	111
Processo para afastar os maus Espíritos.....	113
Manifestações físicas espontâneas.....	124
Superstição	129
O Livro dos Médiuns.....	131
O Espírito batedor de Aube.....	133
Epidemia demoníaca na Sabóia	140
Estudos sobre os possessos de Morzine	145
Estudos sobre os possessos de Morzine (II).....	157
Estudos sobre os possessos de Morzine (III).....	166

Estudos sobre os possessos de Morzine (IV).....	175
Estudos sobre os possessos de Morzine (V).....	188
Um caso de possessão.....	199
Período de luta.....	204
Instrução dos Espíritos.....	206
Os conflitos.....	209
Um caso de possessão.....	215
Palestras de Além-Túmulo.....	222
Variedades. Cura de uma obsessão.....	226
Cura da jovem obsidiada de Marmande.....	227
Novos detalhes sobre os possessos de Morzine.....	239
Instruções dos Espíritos.....	247
Os Espíritos na Espanha.....	250
Curas de obsessões.....	258
Sessão anual comemorativa dos mortos. – Discurso de abertura pelo Sr. Allan Kardec.....	263

Prefácio dos editores belgas

Apresentando estas páginas escritas pelo mestre Allan Kardec, nosso propósito é tornar conhecidos certos fatos que a maioria dos espíritas, de modo geral, quase sempre desconhecem, uma vez que as fontes de onde foram colhidos são muito raras.

Esses fatos curiosos, e sobretudo instrutivos, serviram singularmente para fazer a ciência espírita avançar na compreensão do invisível.

Alguns capítulos parecem ter pouca relação com o título do livro, porém nem por isso deixam de conter instruções da mais alta importância para o leitor que medita e deseja se aprofundar no assunto.

Quanto ao problema da obsessão, verificar-se-á, pelos fatos relatados, que ela tanto pode atingir o profano quanto o espírita propriamente dito, e este até com maior facilidade.

Essa doença moral existiu desde todos os tempos, mas o Espiritismo bem compreendido e bem praticado pode dela preservar a criatura e, se atingida, curá-la mais eficazmente do que qualquer outra ciência ou doutrina, uma vez que ele revela a verdadeira causa do mal, bem como a forma de nos livrarmos dele, apresentando uma imensa variedade de particularidades, conforme a cada caso.

Assim sendo, este livro interessa muito de perto aos espíritas, uma vez que, segundo as próprias palavras de Allan Kardec, a obsessão é um dos grandes tropeços com que esbarra o Espiritismo.

Verificar-se-á, igualmente, a eficácia da prece e, sobretudo, da prece coletiva para combater a obsessão, por exemplo,

através de algumas descrições comovedoras que nos revelam o serviço que nos é possível prestar se nos dispusermos a nos instruir a respeito, e, bem assim, o esforço que necessitamos fazer para nos elevarmos na hierarquia dos Espíritos a fim de aceitarmos, sem susceptibilidade, a severidade das instruções morais dos Espíritos Superiores, pois que eles nunca se dispõem a nos engrandecer ou a nos embalar com ilusões, ao invés de nos dizer a verdade.

Fechamos este livro com um discurso do mestre Allan Kardec, no qual ele desenvolve o problema da comunhão de pensamentos com o seu estilo sempre magistral, já que ninguém, por maior tenha sido o seu trabalho, seu devotamento e seu talento, pode dar cumprimento a uma tarefa mais magnificamente do que ele o fez, auxiliado por uma plêiade de Espíritos que lhe colocaram nas mãos todos os assuntos dignos de serem enfocados na justa medida do avanço da ciência, para nos trazer as consoladoras verdades do Espiritismo.

Desejamos aqui prestar homenagem a nosso guia espiritual, Jean Baptiste Quimau, bem como a seus colaboradores, ao auxílio de Espíritos simpatizantes, familiares, protetores e superiores que, desde 1885, através de seus conselhos, sua perseverança e suas instruções reiteradas, sempre baseados nos Evangelhos e nas obras de Allan Kardec, mantiveram a coesão deste grupo em clima de harmonia moral e desinteresse material, para maior glória de Deus e felicidade de toda a Humanidade.

A COMISSÃO

Prefácio do Tradutor

O problema da obsessão é problema de mente a mente ou de mentes para com outras mentes. É, pois, uma questão de “atitudes” mutuamente assumidas. Para não repisarmos quanto vem sendo dito e escrito neste último século – e isto de valiosa maneira! – gostaríamos, alinhando estas considerações despreziosas, de nos atermos ao problema da “atitude” propriamente dita, encarada até os limites onde a Psicologia Social nos pode conduzir. Pois que “atitude” é problema de Psicologia Social, ciência que mantém laços íntimos, vizinhança estreita com outras ciências, tais a Psicologia, a Sociologia, e a Etnologia e, como tal, tem de ser reconhecida em sua originalidade, assim como a Física, a Mecânica ou a Química.

Já se disse que o “Espiritismo será ciência ou não será”. Ora, ele nunca recusou confronto com quaisquer outras ciências, pelo contrário, abraça-as prazerosamente e segue com elas renovando-se a cada dia. Mas aqui vale notar que a arquitetura geral traçada, as articulações estabelecidas entre diferentes noções já adquiridas sobre “atitude”, resultam, não o dissimulamos, de concepções próprias. Assim, pois, estão sujeitas tanto à crítica quanto à discussão, pois que, analisando o problema, os estudiosos sistematicamente têm-se negado a explorar o rico filão da mente desencarnada atuando sobre a mente encarnada, bem assim a questão reencarnatória, dois poderosos fatores que de nenhuma forma podem ser afastados ou ignorados ao exame das “atitudes”, sobre elas lançando uma poderosa luz.

Já Paulo de Tarso escrevia: “...mas nada é puro para os contaminados e infiéis...”(Tito, 1: 15), ao que Emmanuel, em *FONTE VIVA*, adita:

“O homem enxerga sempre através da visão interior. Com as cores que usa por dentro, julga os aspectos de fora. Pelo que sente, examina os sentimentos alheios. Na conduta dos outros, supõe encontrar os meios e fins das ações que lhe são peculiares. Daí o imperativo de grande vigilância para que a nossa consciência não se contamine pelo mal. Quando a sombra vagueia em nossa mente, não vislumbramos senão sombras em toda a parte. Junto das manifestações do amor mais puro, imaginamos alucinações carnavais. Se encontramos um companheiro trajado com louvável aprumo, pensamos em vaidade. Ante o amigo chamado à carreira pública, mentalizamos a tirania política. Se o vizinho sabe economizar com perfeito aproveitamento da oportunidade, fixamo-lo com desconfiança e costumamos tecer longas reflexões em torno de apropriações indébitas. Quando ouvimos um amigo na defesa justa, usando a energia que lhe compete, relegamo-lo, de imediato, à categoria de intratável.

Quando a treva se estende na intimidade de nossa vida, deploráveis alterações nos atingem os pensamentos. Virtudes, nessas ocasiões, jamais são vistas. Os males, contudo, sobram sempre. Os mais largos gestos de bênção recebem lastimáveis interpretações. Guardemos cuidado toda vez que formos visitados pela inveja, pelo ciúme, pela suspeita ou pela maledicência. Casos intrincados existem nos quais o silêncio é o remédio bendito e eficaz, porque, sem dúvida, cada espírito observa o caminho ou o caminheiro, segundo a visão clara ou escura de que dispõe”.

Em vista disto, prossigamos: um espírito que assedia outro, com tal ou qual intenção, oferece ao exame, via de regra, deformação de percepções ou de memória – para isto é que, em última análise, nos desperta a atenção o comentário de Emmanuel. Todavia, quais as causas que residem nessas deformações? No livro que iremos ler, Kardec reúne casos de obsessões manifestadas não apenas em indivíduos mas também em grupos, tal o de Morzines. Trata-se, pois, de um comportamento social, isto é, de uma delicada textura tal as maneiras como seres humanos – os espíritos são seres

humanos! – se ajustam ou não se ajustam ao meio social, neste caso provocando toda a gama de desequilíbrios que Kardec com tão grande felicidade cataloga ao vivo.

Mas, em particular, é preciso que se focalize uma forma de ajustamento: os desenvolvimentos das “atitudes”. A análise das “atitudes” apresentadas por inteligências desencarnadas ontem preocupava Kardec tão seriamente quanto hoje, em criaturas encarnadas, é a preocupação mais importante dos psicólogos sociais. Ora, não vai um passo entre as “atitudes” assumidas por inteligências encarnadas e as desencarnadas. Em ambos os casos o fenômeno psicológico se reveste de tremendo significado social e foi precisamente por isso que Kardec nele tão cuidadosamente se deteve.

As “atitudes” afetam o comportamento e a personalidade. À luz da Psicologia Social tentaremos, embora com simplicidade, explicar – tanto quanto for possível – como essas “atitudes” se formam, isto é, como são aprendidas, nesta ou noutras vidas, e como talvez possam ser mudadas. Isto possivelmente poderá nos auxiliar tanto agora quanto após a nossa desencarnação.

Mas o que é uma “atitude”? É uma maneira organizada e coerente de pensar, sentir e reagir em relação a grupos, questões, outros seres humanos, ou, mais especificamente, a acontecimentos ocorridos em nosso meio circundante. Neste livro Kardec reúne exuberantes exemplos de tudo isso.

Os componentes essenciais da “atitude” dão os “pensamentos”, as “crenças”, os “sentimentos” ou “emoções”, e as “tendências para reagir”. Diz-se que uma “atitude” está formada quando esses componentes se encontram de tal maneira inter-relacionados que os sentimentos e tendências reativas específicas ficam coerentemente associadas com uma maneira particular de pensar em certas pessoas ou acontecimentos. Desenvolvemos nossas “atitudes” ao enfrentarmos e ajustarmos-nos ao meio social e, uma vez desenvolvidas, emprestam regularidade aos nossos modos de reagir e de facilitar o ajustamento social.

Nas primeiras fases do desenvolvimento de uma “atitude”, seus componentes não estão rigidamente sistematizados que não

possam ser modificados por novas experiências. Mais tarde, porém, sua organização — maléfica ou benéfica — pode se tornar inflexível e estereotipada, especialmente nas pessoas em que foram encorajadas, no decurso de grandes períodos de tempo, reencarnações por exemplo, a reagir segundo processos padronizados ou “aceitáveis” a determinados acontecimentos e grupos. Num como noutro caso os Evangelhos e o Espiritismo são capazes de poderosamente auxiliar.

Se as “atitudes” de uma pessoa tornam-se inabalavelmente fixas, ela estará então pronta para classificar pessoas ou acontecimentos em um dos seus padrões emocionalmente elaborados de pensamentos, de modo que fique incapacitada para examinar ou reconhecer a individualidade dessas mesmas pessoas ou eventos, tudo conforme Emmanuel deixa explícito em sua mensagem. É dessa maneira que as “atitudes” fixas ou estereotipadas reduzem a riqueza potencial e constroem as reações.

O estudo do processo obsessivo nos fornece ampla amostragem desse fato.

Ocorrência importante a ser enfatizada, principalmente no meio espírita, onde se tem por lema que “o verdadeiro espírita reconhece-se por sua reforma íntima”, é que não estamos completamente cômicos da maioria das nossas “atitudes” nem da extensa influência que elas têm sobre o nosso comportamento social. Mas, através da tão citada “vigilância”, numa análise detalhada, podemos localizar o funcionamento de certas “atitudes” em nós mesmos. E não esqueçamos de que já agora, ou amanhã, na qualidade de espíritos, poderemos, conforme nossa “atitude”, ser classificados como “obsessores”.

Através de relampejos introspectivos das “atitudes” que funcionam em nós, tornamo-nos sensíveis às “atitudes” de outras mentes, vestidas de carne ou não. Mas sucede que num ou noutro caso nem sempre as pessoas revelam abertamente suas “atitudes”! De fato, elas aprendem, através de experiências com outros, a manter algumas de suas “atitudes” escondidas dos conhecimentos casuais ou mesmo dos amigos mais íntimos. Em virtude desse fato vamos usar o termo “tendência de reação”, em lugar de “reação”, apenas para o terceiro componente das “atitudes”, a

fim de indicar que estas não se encontram necessariamente expressas no comportamento ostensivo. E porque isso se dá, o êxito da interação social redundará, freqüentemente, no talento para inferir ou reduzir a natureza dos pensamentos, sentimentos e tendências reativas dos outros, a partir de indícios muito sutis de comportamento. Na realidade é uma característica comum do pensamento humano fazer inferências sobre as “atitudes” dos outros e regular nossas próprias ações em conformidade. Com base em limitadas e diminutas amostras do comportamento dos outros, poderemos concluir se, digamos, tratamos com pessoa liberal, compreensiva, destituída de preconceitos, e reagirmos, então, de maneira que considerarmos mais apropriada. Mas, embora todos nós façamos deduções, as pessoas diferem na capacidade de fazê-las corretamente.

Os psicólogos sociais desenvolveram uma série de técnicas sistemáticas para inferir e medir “atitudes”. Como as “atitudes” não podem ser diretamente medidas, as inferências indiretas sobre elas requerem uma comprovação cuidadosa para que sejam válidas, isto é, deve-se estabelecer que as medidas de “atitudes” realmente medem aquilo que pretendem e não algum outro processo psicológico .

As “atitudes” desempenham uma função essencial na determinação de nosso comportamento; por exemplo, afetam nossos julgamentos e percepções sobre os outros, como tão bem expressa a mensagem de Emmanuel, ajudam a determinar os grupos com que nos associamos, as profissões que finalmente escolhemos e até mesmo a filosofia ou a religião à sombra das quais vivemos.

Em nossa definição de “atitudes” é preciso destacar que elas constituem “organizados”, “coerentes” e “habituais” modos de sentir e reagir, em relação a acontecimentos e pessoas em nosso próprio meio-ambiente. Usamos esses adjetivos para indicar que as “atitudes” são modos aprendidos de ajustamento, isto é, hábitos complexos. O desenvolvimento desses hábitos, portanto, deve obedecer a princípios fixos de aprendizagem. Essa aprendizagem por sua vez, ainda que os Evangelhos e a Doutrina Espírita sirvam de seguro roteiro, depende de fatores da vontade pessoal. O propósito

seria então apresentar três princípios inter-relacionados que ajudam a explicar como se aprendem as “atitudes”, a saber, os princípios de: “associação”, “transferência” e “satisfação de necessidades”.

Em geral aprendemos sentimentos e tendências reativas, dois dos componentes das “atitudes”, através da “associação” e da “satisfação de necessidades”, isto é, aprendemos a temer, a evitar, a guardar rancores para com pessoas ou coisas associadas com acontecimentos desagradáveis, a gostar e a nos aproximar das associadas com acontecimentos agradáveis. Evitando no primeiro caso, e abordando no segundo, satisfazemos necessidades básicas de prazer e conforto. Por exemplo, nossas “atitudes” mais básicas são aprendidas ou despertadas na infância, pela interação com os nossos pais, nesta ou em vidas pregressas. Tipicamente uma criança desenvolve fortes “atitudes” favoráveis em relação aos pais, visto que, ao cuidarem das necessidades e conforto dela, sua presença se torna associada com o seu conforto e bem-estar geral. Nisto também se oculta o mecanismo da harmonização dos espíritos, de que a Providência Divina se serve, na sabedoria de suas leis. Todavia com o tempo, desavisados, os pais ficam associados tanto com os prazeres quanto com as punições. E as “atitudes” da criança adquirem então uma natureza complexa e ambivalente.

De fato as “atitudes” aprendidas por associação e satisfação de necessidades são, muitas vezes, categorizadas nas fases iniciais de seu desenvolvimento, pela incapacidade do indivíduo para compreender por que ele se sente e reage assim. Essa incapacidade de compreensão torna-o especialmente atento aos pensamentos e crenças dos demais e poderá finalmente adotá-los como um meio para justificar seus próprios sentimentos e tendências reativas. Nosso propósito é apresentar, neste ponto, o princípio de “transferência”, que ajuda a explicar como aprendemos “atitudes”, especialmente os componentes pensamento-crença, com outras pessoas.

Na realidade, aprendemos “atitudes” através de transferência de um modo essencialmente idêntico àquele em que aprendemos

o significado de conceitos: através da instrução. Por exemplo, uma criança desenvolve imediatamente um significado para “zebra” quando se lhe diz que é um “animal do feitio de um cavalo”, com “listras de cima a baixo”. Neste exemplo duas idéias não relacionadas na criança (cavalo e listras de cima a baixo) são levadas, pela primeira vez, a uma nova combinação. De modo semelhante aqueles que nos ensinam ou transmitem idéias ou emoções podem transferir “atitudes” mediante a sugestão de como deveremos reorganizar e integrar algumas de nossas idéias básicas. Quando existe uma estreita relação entre transmissor e receptor, os sentimentos de tendências reativas também podem ser transferidos juntamente com os pensamentos e crenças. Por exemplo, alguém poderia transferir uma “atitude” completamente favorável descrevendo os negros como criaturas de “pele escura”, “maltratados”, “trabalhadores no duro”, “amáveis e ágeis”. Ou poderia transmitir uma “atitude” totalmente negativa, descrevendo-os como dotados de “pele escura”, “preguiçosos”, “incertos”, “sujos” e “indignos de confiança”.

Todavia não incorporamos todas as “atitudes” dirigidas para o nosso caminho; o fato de selecionarmos quais as “atitudes” que nos interessam indica não apenas que a satisfação de uma necessidade se encontra presente quando as “atitudes” são transferidas, mas igualmente que o mecanismo já pode ter sido acionado em uma outra encarnação. Em criança prestamos atenção e, usualmente, adotamos as “atitudes” de nossos pais, como parte normal de nos tornarmos educados, fato este que não deve escapar aos pais espíritas, os maiores interessados e responsáveis pela modificação moral daqueles que a Divina Providência lhes deu como tutelados. O fato ocorre porque ao sermos como nossos pais, em todos os aspectos garantimos a afeição deles, ao mesmo tempo que consolidamos nosso sentimento de pertencermos à família. A necessidade de afeto e de pertencer, numa criança, nem sempre são satisfeitas na família, claro, e elas então passam a exteriorizar sua hostilidade não adotando as “atitudes” dos pais na transferência ou assumindo “atitudes” inversas.

Também adotamos “atitudes” de outras pessoas importantes fora da família. À medida que crescemos, vamos incorporando “atitudes” que nos parecem apropriadas para pertencer a grupos que reputamos importantes. Por vezes mudamos de “atitude” como meio de abandonarmos um grupo e nos integrarmos em outro.

À primeira vista a mudança de “atitudes” poderá parecer uma questão simples, e este é o erro em que costuma incidir a maioria dos doutrinadores de sessões de desobsessão. Pensamos que, uma vez que as “atitudes” são aprendidas, deveria ser bastante fácil modificar a intensidade delas ou substituir uma “atitude indesejável” mediante a aprendizagem de outra. O fato complicado porém é que as “atitudes” não são modificadas ou substituídas com a mesma facilidade com que são aprendidas.

Como já vimos, as “atitudes” se desenvolvem, tornam-se aspecto integrante da personalidade de um indivíduo, influenciando em todo seu estilo de comportamento. Mudá-las não é fácil e por isso é raro ouvirmos falar de mudanças radicais tais as sofridas por Maria de Magdala ou Paulo de Tarso. As tentativas para modificar atitudes, por mais bem planejadas que sejam, só conseguem, muitas vezes, alterar o componente pensamento-crença, sem afetar sentimentos e tendências reativas, de modo que, com o tempo, a “atitude” poderá reverter ao seu estado anterior. Um grupo de pesquisadores da Universidade de Yale conseguiu esboçar algumas das características da personalidade que distinguem a pessoa altamente persuadível. Poucas pessoas, afirmam eles, reagem à persuasão com “flexibilidade discriminante”, isto é, não são demasiado susceptíveis nem demasiados resistentes. As poucas que possuem essa característica estão suficientemente interessadas em seu meio social para darem ouvidos pelo menos a algumas idéias dirigidas à sua maneira de ver as coisas, mas estão igualmente habilitadas a distinguir e pôr de lado o que para elas não oferece qualquer importância. Todavia a maioria das pessoas varia em torno desse ideal na direção dos extremos. O indivíduo crédulo caracteriza-se por uma acentuada dependência de outras pessoas e uma incapacidade notória para apreciar de modo crítico as proposições

alheias. Essa combinação de características torna-o especialmente inclinado a adotar as crenças dos outros ou quaisquer proposições apresentadas com autoridade. No outro extremo situa-se o indivíduo altamente resistente à persuasão, a quem falta, freqüentemente, a capacidade de compreender o material comunicado. É habitualmente negativo à autoridade, rígido e obtuso em seu pensamento e voluntariamente desatento a novas idéias, de onde a necessidade, por parte das Divinas Leis que nos regem, do imperativo da Dor como derradeiro recurso de persuasão para o Bem.

Alguns psicólogos sociais dedicaram recentemente atenção ao estudo do desejo humano de ter atitudes logicamente coerentes. Esse novo interesse resultou das idéias defendidas por Fritz Heider, da Universidade de Kansas, que se convenceu de que as pessoas procuram relações equilibradas ou harmoniosas, entre suas “atitudes” e “conduta” ficando psicologicamente perturbadas enquanto não se estabelecer um estado de equilíbrio. Quando o significado dessa idéia tornou-se patente, algumas das mais prometedoras teorias sobre a mudança de “atitudes” começaram a aparecer. Primeiro Charles Osgood e Percy Tanenbaum, da Universidade de Illinois, demonstraram que as pessoas alteram suas “atitudes” quando se tornam óbvias algumas incoerências sobre as mesmas. É evidente que uma pessoa muda suas próprias “atitudes” para reduzir a incoerência entre elas e seu comportamento. Desenvolvemos “atitudes” na medida em que lidarmos com o nosso meio social e, uma vez desenvolvidas, elas facilitam o nosso ajustamento, regularizando nossas reações ante acontecimentos recorrentes. Quando as “atitudes” estão rigidamente organizadas, entretanto, elas constroem a riqueza de nossas experiências, pois nos inclinamos, com excessiva rapidez, a atribuir categorias às pessoas e acontecimentos, dentro de padrões de pensamento superestruturados, e os nossos sentimentos e reações em face dos mesmos tornam-se rotineiros.

Grande parte do nosso comportamento social é influenciado pelas “atitudes” que sustentamos. Elas afetam nossos julgamentos e percepções, nossa eficiência no estudo, nossas reações com

relação aos outros e até nossa filosofia básica de vida. Finalmente, as “atitudes” numerosas que desenvolvemos acabam por unirem-se em padrões característicos que ajudam a formar a base de nossa personalidade.

Concebemos as “atitudes” como hábitos complexos e, como tal, esperamos que seu desenvolvimento obedeça a princípios de aprendizagem, tal como sucede a muitos outros tipos de hábitos. Parece que aprendemos dois dos componentes das “atitudes” – os nossos “sentimentos” e “tendências reativas” – através da “associação” e da “satisfação de necessidades”, isto é, como já foi dito, aprendemos a temer e a evitar pessoas e acontecimentos associados com ocorrências desagradáveis; a gostar e acercarmo-nos daquilo que estiver associado com ocorrências agradáveis. Tipicamente, adquirimos nossos “pensamentos” e “crenças” (o terceiro componente) através de pessoas importantes em nosso mundo social que “transferem” seus pensamentos e crenças para nós já prontos e por medida, se assim podemos dizer. Através da comunicação social, não só recebemos componentes de “atitudes” por meio de transferência, mas também transmitimos nossas próprias crenças aos outros.

As tentativas de modificar ou substituir “atitudes” assestam nos mesmos princípios de aprendizagem. Mas é evidentemente muito mais difícil mudar ou esquecer “atitudes” do que aprendê-las. Porque isso assim parece ser, estamos começando a apreciar o grande papel que a socialização inicial desempenha no desenvolvimento de “atitudes”.

Diversas estratégias para modificar “atitudes” estão sendo investigadas e comparadas. Um novo e promissor critério destaca o desejo normal das pessoas de serem logicamente coerentes em seus pensamentos e sentimentos. Os investigadores descobriram que quando um componente da “atitude” é experimentalmente modificado, os outros parecem sofrer um realinhamento coerente. Há mesmo indícios de que as pessoas mudarão suas próprias “atitudes” até sem se darem conta disso, quando as incoerências lógicas, em suas crenças e sentimentos, são levados à atenção delas.

As “atitudes” desenvolvidas em casa, no seio da família, ou através das primeiras experiências em grupos são particularmente importantes na formação da estrutura de um complexo de “atitudes” e resistem bastante à modificação.

Os psicólogos sociais confessam que necessitam de mais pesquisas para explicar tanto a persistência quanto a alterabilidade de “atitudes”. Embora não existam ainda respostas finais – o Espiritismo prescreve preces, vibrações e diálogos em sessões para isto especialmente orientadas ou, entre os encarnados, o cuidadoso aprendizado de sentimentos e tendências reativas -, podemos prever que os estudos revelarão “atitudes” particularmente renitentes à mudança se: A) tiverem sido aprendidas no início da vida ou em uma seqüência de vidas pretéritas; B) tiverem sido aprendidas tanto por associação como por transferências; C) ajudarem a satisfazer necessidades; D) tiverem sido integradas na personalidade e estilo de comportamento de um indivíduo. Por tudo isto Jesus propõe tão seriamente o “orai e vigiai”.

Os psicólogos sociais são guiados por essas regras gerais em suas tentativas para modificar “atitudes” e elas devem ser levadas em conta também pelos espíritas. Sabem que se quiserem substituir “atitudes” ou modificar sua intensidade, as novas idéias e crenças a serem aprendidas devem ser engenhosamente apresentadas, usualmente na forma de comunicações persuasivas. Se se quiser alterar modos habituais de sentir e reagir – lembremo-nos aqui da afirmativa de Kardec, segundo a qual reconhece-se o verdadeiro espírita por sua reforma íntima – devem ser preparados enquadramentos sociais reais ou experimentalmente engendrados, de tal maneira que os novos processos de reação possam ser aprendidos. As técnicas usadas, em outras palavras, devem facilitar a aprendizagem.

Como seria de esperar, os componentes de novas “atitudes” são aprendidos de acordo com os princípios de transferência, associação e satisfação de necessidades. Muitos psicólogos estão empenhados em pesquisas para determinar critérios e é pena que não empreguem o rico veio que o Espiritismo lhes oferece,

pois, tal como ocorre nas sessões de desobsessão, as conclusões das pesquisas indicam que é mais provável que as novas “atitudes” sejam transferidas por intermédio de contatos face a face ou em discussões em grupos do que através de conferências impessoais. Mas a personalidade daqueles que fazem os contatos pessoais fixam limites – leia-se as obras de André Luiz e observe-se as personalidades dos encarregados de semelhantes tarefas –, a sua eficácia como agentes de transferência, uma vez que, como vimos, as “atitudes” são mais facilmente transferidas quando o indivíduo que “aprende” é atraído para um “professor social” e deseja ser como ele. Por exemplo, verificou-se que quanto mais digna de confiança e atraente é uma pessoa, tanto mais haverá possibilidade de sua mensagem penetrar e influenciar as “atitudes” existentes.

Faz-se também largo uso do princípio da “satisfação de necessidades” nas tentativas de alterar “atitudes”. Por exemplo, as novas idéias numa mensagem persuasiva podem ser apresentadas com o endosso de líderes de grupos ou de pessoas de elevada posição moral. Se os que recebem a mensagem forem levados a compreender que o serem aceitas por si mesmas ou por outrem depende de adotarem um conjunto diferente de “atitudes” as mudanças podem concretizar-se.

A mudança de “atitude” poderá também ocorrer se forem propiciadas condições adequadas para aprender-se novos meios de sentimentos e reação através da “associação”.

Enquanto extensa pesquisa sobre os métodos de apreciação de comunicações persuasivas ou de criação de contextos sociais para aprendizagem de novas “atitudes” continua sendo feita, outros grupos de investigadores estão concentrando a atenção sobre as características de personalidades daqueles cujas “atitudes” se pretenda mudar. Como vimos, as “atitudes” possuem raízes sólidas no sistema motivacional da personalidade; quaisquer tentativas para mudar “atitudes” serão limitadas enquanto não se souber mais sobre as relações entre “atitudes” e personalidade.

Contudo, para nós espíritas, o estudo das obras de André Luiz, pela psicografia de Francisco Cândido Xavier, já provoca um grande avanço na compreensão do problema. A obra do

falecido Carl Hovland e seus associados, em Yale, bem como a de Leon Festinger, de Stanford, não devem ser postas de lado.

Afinal, conquanto encarnados hoje, nem por isso poderemos deixar de ser, até inconscientemente, os obsessores de amanhã. Por tal motivo e pelo lema espírita de “progredir sem cessar, tal é a lei”, julgamos fazer sentido oferecer ao leitor do dia de hoje quanto a Psicologia Social nos pode proporcionar à meditação, no tocante aos tão poucos conhecidos mecanismos de nossas “atitudes” se é que, sinceramente, a elas nos damos o trabalho de prestar alguma atenção.

Araraquara, outono de 1969.